A ORDEM DOS TERMOS EM PORTUGUÊS E A TOPICALIZAÇÃO[7]

José Mario Botelho (UERJ e ABRAFIL)
botelho_mario@hotmail.com

RESUMO

A língua portuguesa tem sido classificada como uma língua SVO quanto à ordem dos termos na oração completa. No entanto, há autores que discutem tal classificação do português do Brasil, uma vez que se podem observar diferentes ordens dos termos nas frases. De fato, não é efetiva e predominante a ordem direta (SVO) na língua, porquanto outras relações sintáticas, em que se observam estruturas de tópico-comentário, são amplamente usadas, mormente na modalidade oral.

Logo o objetivo do presente estudo é descrever as diversas ordens estruturais da língua portuguesa do Brasil, considerando o fenômeno da topicalização frasal como característica da ordem natural da língua. Para isso, apresentaremos a classificação tipológica das línguas, segundo Li e Thompson (*Apud* PONTES, 1987), confrontando-a com a classificação tradicional.

Palavras-chave:
Ordem direta. Construção de tópico. Ordem natural. Tema. Comentário.

1. *Introdução*

Quanto à ordem dos termos numa oração bimembre (aquela que se apresenta com dois termos essenciais: sujeito e predicado), considera-se o português uma língua SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), não sendo levada em conta a grande incidência de outras formações.

Essa atitude prende-se ao fato, principalmente, de ter sido tomada a linguagem escrita como referência, em que frequentemente se observam estruturas em ordem direta – (sujeito) – verbo – (objeto). Certamente, contribuiu para tal consideração o fato de serem em grande número os verbos que se completam com uma estrutura nominal sem preposição necessária, que lhes serve de objeto direto – verbos transitivos diretos.

Há, porém, muitos autores que digressionam sobre tal classificação do português do Brasil, apresentando um *corpus* conveniente de es-

[7] Este artigo resulta do trabalho apresentado no III Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos de 01 a 04 de abril de 2010.

truturas que apresentam diferentes ordens dos seus termos. Tais estudos apontam para o fato de não ser efetiva e predominante a ordem direta (SVO) na língua portuguesa, porquanto outras relações sintáticas se podem observar na sua índole. De fato, no português, frases com estruturas de tópico-comentário são normalmente encontradas, na modalidade oral de forma efetiva, e na escrita acadêmica, de forma moderada.

Como tem sido a modalidade escrita da língua o alvo preferencial das descrições linguístico-gramaticais até então, tem-se a ideia de que o português é uma língua de ordem direta, já que na escrita (de natureza não artística, em especial) o uso de estruturas com um termo topicalizado é bastante comedido.

A explicação do fato de essa escrita se nos apresentar com essa característica reside nas máximas de um bom texto escrito: objetividade, concisão, legibilidade, correção e obediência à norma-padrão. O atendimento de tais máximas dá a esse tipo de texto escrito a referencialidade, que lhe é fundamental, e garante a sua compreensão. Contudo, nos textos escritos (em geral) e nos textos orais, é flagrante o uso de estruturas com termos deslocados de sua denominada ordem "natural".

Por conseguinte, o presente artigo pretende descrever as diversas ordens estruturais da língua portuguesa do Brasil, considerando o fenômeno da topicalização frasal como característica da ordem natural da língua.

Apresentaremos, como respaldo do presente estudo, as classificações tipológicas das línguas, feita pelos linguistas Li e Thompson (*Apud* PONTES, 1987). Confrontando a referida classificação com a tradicional, tendo como *corpus* um número considerável de estruturas de ambas as modalidades, chegaremos à conclusão que a ordem natural da língua portuguesa do Brasil não é propriamente direta. Há um sem-número de estruturas de sujeito-predicado e outro, de estrutura com um termo topicalizado, em virtude principalmente de um deslocamento ou de uma inversão de termos.

2. Estrutura frasal da língua portuguesa

Tendo a estrutura sintática um verbo transitivo direto, é a ordem direta que lhe assegura o sentido. O desrespeito a essa ordem pode causar ambiguidade em alguns casos e em outros, constituir outra expressão, de

outro sentido.

Tomemos a seguinte estrutura como exemplo: “O caçador feriu o lobo.”. Um simples deslocamento do termo “o caçador” causaria uma ambiguidade de sentido, pois qualquer um dos dois termos (sintagmas nominais) poderia ser tomado como sujeito (Ex.: “Feriu o lobo o caçador.”). Um deslocamento duplo, em que os dois sintagmas nominais trocassem de posição, daria à estrutura uma nova expressão de sentido (Ex.: “O lobo feriu o caçador.”).

Logo, em se tratando de estrutura com verbo transitivo direto, a ordem SVO não é só recomendável, mas obrigatória. A menos que se utilizem outros artifícios para garantir a integridade semântica daquela primeira estrutura sintática, como por exemplo, a utilização de vírgula (Ex.: “Feriu o lobo, o caçador.”) ou de uma preposição (Ex.: “Ao lobo feriu o caçador.”) ou a utilização de vírgula e pronome oblíquo – objeto pleonástico (Ex.: “O lobo, feriu-o o caçador.”).

Contudo, a língua portuguesa conta com outros tipos de verbo com que o deslocamento ou a inversão de termos não criam duplo sentido e, por isso mesmo, outras ordens dos termos são possíveis e até mesmo preferidas (Ex.: “O meu melhor amigo és tu, Pedro!”; “Ao filho pequeno davam conselhos os dedicados pais.”; “Morreu de frio ontem à noite outro mendigo.”). Principalmente, quando se deseja um efeito estilístico em especial.

Com verbos intransitivos, não há problemas semânticos e, por isso, é muito comum o deslocamento do sujeito, constituindo outra ordem.

O verbo “parecer”, por exemplo, que se apresenta obrigatoriamente com um sujeito oracional, i. é., em forma de oração subordinada substantiva (desenvolvida: “Parece *que vai chover*!” ou reduzida de infinitivo: “Parecia *caírem do céu as estrelas*!”) constitui um exemplo de VS normal (a ordem SV, nesse caso, constitui ênfase). Vale lembrar que estruturas com o verbo “parecer” admitem um tipo complexo de deslocamento do sujeito da oração subordinada, que a Tradição denomina “prolepse” (Ex.: “*As estrelas* parecia que caíam do céu!” ou “*As estrelas* parecia caírem do céu!”). Convém ressaltar, ainda, que esse tipo de estrutura se efetiva na linguagem oral com os dois verbos no plural, em concordância com o termo topicalizado, como se ele fosse o sujeito de “parecer” (Ex.: “***Os políticos** parecem* que dizem a verdade!” ou “*Os políticos parecem* dizerem a verdade!”). A Tradição denomina o referido fenôme-

no “contaminação sintática”, por ver, nesse caso, um cruzamento entre a estrutura com prolepse e uma estrutura com uma locução verbal – verbo auxiliar “parecer” e principal no infinitivo (Ex.: “As estrelas *pareciam cair* do céu!”; “Os políticos *parecem dizer* a verdade!”).

O verbo “existir” também exige um sujeito posposto (Ex.: “Existem *coisas lindas* no mundo!”).

A estrutura de voz passiva pronominal também se apresenta como sujeito posposto obrigatoriamente (Ex.: “Alugam-se *lojas comerciais*.” ou “Sabe-se *que João não virá à festa*.”).

Expressões com os verbos “urge”, “convém”, ou do tipo “sabe-se”, “fala-se”, “é necessário” e “vale lembrar” também se efetivam na língua portuguesa com a posposição do sujeito.

Esses e mais outros casos comprovam que a ordem VS é bastante incidente no português.

A gramática tradicional (GT) e a linguística têm descrito as línguas de uma mesma maneira, partindo do pressuposto de que sujeito-predicado é uma construção universal. Contrariando esta linha de pensamento, Li e Thompson (*Apud* PONTES, *ibidem*, p. 11) propõem a seguinte tipologia das línguas, considerando as relações de tópico–comentário e de sujeito–predicado:

a) línguas com proeminência de sujeito, cuja estrutura frasal se descreve como sujeito-predicado;

b) línguas com proeminência de tópico, cuja estrutura frasal se descreve como tópico-comentário;

c) línguas com proeminência de sujeito e tópico, cuja estrutura frasal se descreve ora como sujeito-predicado ora como tópico–comentário;

d) línguas sem proeminência de sujeito ou tópico, em cuja estrutura frasal se mesclam sujeito e tópico e a distinção entre os tipos se torna difícil.

Considerando a grande ocorrência de estruturas VS, ora por ser obrigatória, ora por ser permitida, e de estruturas com termos deslocados para se obter ênfase, poder-se-ia afirmar que o português não constitui uma língua essencialmente do grupo “a” (ou seja, “de proeminência de sujeito, cuja estrutura frasal se descreve como sujeito−predicado”).

Como é comum na linguagem oral o uso de estruturas com termos

deslocados para a posição de sujeito com o objetivo de enfatizar o referido termo (topicalização), o que não raro se observa na linguagem escrita, melhor seria classificar o português como uma língua do grupo “c”, mas com uma ressalva: as estruturas tópico-comentário não são exatamente como o chinês, em que, segundo Li e Thompson, “o tópico estabelece um quadro de referência para o que vai ser dito a seguir” (*Apud* PONTES, *ibidem*, p. 13). Ou seja, após o tópico vem sempre uma estrutura de sujeito e predicado, como em:

(01) O livro, ***nós** o deixamos sobre a mesa*!

(02) O Flamengo, ***eu** odeio futebol*.

(03) Essa bolsa aberta aí, ***alguém** pode te roubar a carteira*.

Não há propriamente, nesse caso, uma relação sintática entre o tópico e o comentário, pois o termo topicalizado não pertence à estrutura que lhe segue; a relação que se estabelece entre eles é puramente semântica.

Em português esse tipo de topicalização é possível, principalmente na linguagem oral, mas não é o único que ocorre. Esse tipo de estrutura é o que a Linguística costuma denominar “duplo sujeito” e a GT, “objeto direto pleonástico” em (01) e “anacoluto” em (02) e (03), em que o termo destacado estabelece com a oração bimembre uma relação de coesão exofórica – aquela, que faz referência a um ser que se encontra fora da estrutura linguística.

O tipo de estrutura topicalizada mais comum em língua portuguesa é aquela em que um termo da frase (que pode pertencer, inclusive, a qualquer uma das suas orações) é deslocado para a posição de sujeito – para o início da frase (Ex.: “*Ontem* nós fomos à praia.”; “*Para o caçula* ela dava tudo.”; “*Voam* os pássaros na mata livres.”). Também ocorrem deslocamentos de termos para outras posições (Ex.: “Eu não vou *amanhã* para a escola!”; “Mamãe e eu, *felizes*, passeávamos na praia!) e inversões de termos (predicado–sujeito).

Como já foi dito anteriormente, o português é considerado uma língua de proeminência de sujeito–predicado, cuja referência é a linguagem escrita (mormente, prosaica e não artística), na qual se verificam, não obstante, muitos exemplos de construção com tópico – característica da linguagem oral.

(04) “As salas de aula, eram muito grandes e vazias, (...)”.

(05) “(...) u::/ eu (+) i minha irmã’ a genti tava brincandu’ (...)

(06) “ai::–eu’ quandu eu fiz dozi anus’ (++) u médicu num tava adiantandu, (++)”

Dos exemplos acima, o primeiro foi extraído de um dos textos escritos pelos meus informantes (BOTELHO, 2001)[8], e os demais, de textos orais.

Analisando-os, podemos perceber que vários tipos de estruturas com termos topicalizados são possíveis em português.

A tradição gramatical arrola esses casos à parte ou ignora-os, considerando-os “erros” gramaticais: o (04) é um caso de D.E. (deslocamento à esquerda) sem pronome-cópia (a tradição a classificaria como uma estrutura errada por causa da vírgula entre o sujeito e o predicado; se o pronome “ela” fosse utilizado, seria pleonasmo); o (05) é um caso típico de topicalização do sujeito com pronome-cópia (a tradição diria que o-correu um aposto com erro de pontuação ou um pleonasmo); o (06) é um caso de duplo sujeito (a tradição diria que ocorreu um anacoluto, já que não há uma continuidade em relação ao eventual sujeito “eu”, causado pelo deslocamento da oração subordinada adverbial temporal). Porém, todos são, na verdade, construções de tópico ou estruturas topicalizadas.

3. O tópico na língua portuguesa

Como vimos no item anterior, é muito comum em português a o-corrência de estrutura com termos topicalizados.

Convém ressaltar que o tópico se apresenta definido – acompanhado de um determinante do tipo “artigo definido”, como em (01); o sujeito, por sua vez, pode ser indefinido (Ex.: “Um homem esteve aqui, procurando por você!”).

O tópico, diferente do sujeito, pode não ter relações selecionais com o verbo, como em (02), em que o termo “O Flamengo” nada tem a ver com a estrutura oracional, que lhe serve de comentário, embora o seu conteúdo semântico possa ser resgatado em “futebol”. O verbo, portanto,

---

[8] Tese de Doutoramento, ainda inédita. Os informantes eram em número de 20: 10 alunos de 6º ano do Fundamental e 10 alunos do 1º ano do Médio do Colégio Pedro II-Humaitá.

pode, de acordo com a sua grade semântica (grade que prevê os argumentos – complementos – do verbo), determinar o sujeito; como o tópico não é um argumento do verbo, o verbo não o prevê. Tal fato pode ser constatado nesses seis exemplos acima, em que o verbo seleciona sujeitos: “nós”, “eu”, “alguém”, “elas” (omitido), “a gente” e “o médico”, que são os argumentos-sujeitos dos verbos das respectivas orações.

O tópico, na verdade, se liga ao discurso, cujo tema anuncia.

O sujeito, que pode ser vazio de significado, tem papel intrassentencial, como ocorre no inglês (Ex.: “*It’s raining a lot today!*”) ou no alemão (Ex.: “*Es regnet zu viel heute!”)* ou no francês (Ex.: “*Il pleut beaucoup aujourd’hui!*”). O sujeito é sempre definido dentro da oração e não do discurso, como acontece com o tópico, mesmo que ele seja vazio, como nessas frases das línguas inglesa, alemã e francesa, que se utilizam de um pronome pessoal reto de 3ª pessoa do singular. O português, por sua vez, nem tem uma forma física para fazer as vezes de sujeito em frases dessa natureza, apesar de o verbo também se apresentar sempre na 3ª pessoa do singular (Ex.: “Chove muito hoje!”). Vale ressaltar que, em português, o verbo dessa estrutura vem sendo denominado “impessoal”, em vez de “unipessoal”, que seria mais apropriado, visto que a pessoa do verbo é sempre de 3ª do singular.

Acresce-se, ainda, que o sujeito normalmente concorda com o verbo, enquanto o tópico, não necessariamente. A concordância entre tópico e verbo só se dá quando o tópico é o sujeito (em orações em que o sujeito ocupa a primeira posição, como é natural ou em estruturas ergativas do tipo “O pneu do meu carro furou.”).

O tópico, que é o dado velho, é sempre acompanhado pelo comentário (dado novo), que pode ser constituído por uma estrutura de sujeito–predicado.

(07) “e eu, não fazia nada daquilo.” (sujeito omitido – “eu”)

(08) “De bom, aos velhos,/Foi reservada apenas a experiência/Adquirida quando moços, / (...)” (sujeito simples – “a experiência quando moços”)

(09) “eu/ poxa**’** muitu criança né**”** eu tinha apenas treze anus**’** (++) foi u qu’eu fiz**,**”

(10) “eu i meus pais**’** nós fomus au Médicu**’** (++)”

Os exemplos (07) foi extraído dos textos escritos dos meus infor-

mantes e (09) e (10), dos seus textos orais. O (08) são versos de um pensamento de Botelho (2005, p. 24).

Exemplos como estes são deveras comuns nas produções da linguagem oral em geral e podem aparecer nas produções da linguagem escrita. Muitos foram os encontrados nos textos orais e escritos dos meus informantes.

Se considerarmos como construções de tópico todas as construções que se destacam, de formas quaisquer, o dado velho do novo, ainda que o termo destacado não ocupe a posição inicial da frase (Ex.: "Mamãe e eu, *satisfeitos*, almoçamos juntos."), sem procuramos classificá-las, por exemplo, como construções de deslocamento à esquerda – com ou sem pronome-cópia (Ex.: "*Aos cafajestes*, só *lhes* tenho desprezo!") –, topicalização (Ex.: "*Amanhã* eu vou à praia!"), duplo sujeito (Ex.: "*Eu*, que não sou bobo, *o primeiro pedaço do bolo* será meu!") e construções ergativas (Ex.: "Essa janela bate um vento bom!"), veremos que a incidência deste tipo de construção na linguagem oral é muitíssimo grande e na linguagem escrita, consideravelmente grande.

Assim, confirmaremos que o português é uma língua com proeminência de tópico e de sujeito (grupo "c", de LI; THOMPSON, *op. cit.*) e não de sujeito somente, como quer que seja a tradição gramatical. É certo que se pode encontrar estrutura de tópico em línguas de sujeito–predicado e vice-versa. Li e Thompson afirmam que encontraram construção de tópico–comentário em todas as línguas que investigaram, o que refuta uma classificação categoricamente definida:

> *However, this is not to say that Tp languages, one cannot identify subjects, or that Sp languages do not have topics. In fact, all the languages we have investigated have the topic-comment construction, and although not all languages have the subject-predicate construction, there appear ways of identifying subjects in most Tp languages. Our typological claim will simply be that some languages can be more insightfully described by taking the concept of topic to be basic, while others can be more insightfully described by taking the notion of subject as basic.* (LI; THOMPSON, 1976, p. 459-60)

De acordo com Li e Thompson, são estas as características apresentadas pelo tópico:

- Definição – ao contrário do sujeito, o tópico é sempre definido.
- Relações Selecionais – o tópico não apresenta necessariamente relações selecionais com o verbo, como o sujeito; sendo assim, o verbo sempre determina o sujeito, mas não o tópico.

- Papel Funcional – o tópico é sempre o centro de atenção e anuncia o tema, enquanto que o sujeito pode até ser vazio.
- Concordância Verbal – o verbo só concorda com o tópico, quando este é o próprio sujeito (D. E., sem pronome-cópia como sujeito ou construções ergativas).
- Posição na estrutura – o tópico sempre se nos apresenta no início, enquanto o sujeito pode ocupar outras posições.
- Processos Gramaticais – o tópico não governa tais processos (passivização, reflexivização, etc.), que são internos, como o faz o sujeito.

Demonstrando tais características, Pontes (*Op. cit.*) apresenta diversos exemplos de tópico e de diversos tipos: duplo sujeito, deslocamento à esquerda (D.E.) com pronome-cópia e topicalização.

Analisando os exemplos supracitados, sob a orientação de Pontes, observaríamos que (04) e (07) são casos de D. E., sem pronome-cópia (a Tradição acusaria uma falha estrutural, causada pelo uso da vírgula entre o sujeito e o predicado; seria pleonasmo, se o pronome fosse repetido); o (08) é uma topicalização do adjunto adverbial e do objeto indireto (a Tradição diria que ocorreu um deslocamento desses termos); o (09) é um D.E., com pronome-cópia (a Tradição diria que houve um pleonasmo, causado pela intercalação de uma frase nominal ou pelo deslocamento de um predicativo atributivo – pseudoaposto); e o (01), (05) e (10) são também casos de D. E., com pronome-cópia (a Tradição acusaria um sujeito pleonástico).

4. *Tipos de construção de tópico*

São denominadas "construções de tópico" aquelas estruturas frasais, em que um tema (dado conhecido ou velho) é apresentado e, em seguida, se lhe acresce um comentário (dado novo). Isto é, um quadro de referências para o que vai ser dito em seguida se estabelece com a colocação de um termo na primeira posição da frase.

Normalmente, um termo da oração é deslocado para a posição inicial da frase, mas há casos em que o termo topicalizado não pertence ao comentário, que constitui uma oração bimembre completa. Esse último caso, em que a relação entre o tópico e a oração-comentário é puramente semântica, é para Li e Thompson (*Op. cit.*) e Chafe (1976,

apud PONTES, *op. cit*) uma construção de tópico típica das línguas com proeminência de tópico. Em português, há a ocorrência de tais estruturas, como em (02) e (03):

(02) *O Flamengo*, eu odeio futebol.

(03) *Essa bolsa aberta aí*, alguém pode te roubar a carteira.

Observem que os termos destacados não pertencem às respectivas orações-comentários; i. é., não se estabelece nenhuma relação sintática entre cada um deles – tópico – e a oração seguinte – comentário; a relação é somente semântico-contextual. O termo topicalizado é de natureza exógena – externa, contextual. Daí, Pontes ter afirmado que a análise desse tipo de construção frasal deve ser feita a partir do discurso, porquanto o tópico é exterior à oração, que lhe serve de comentário.

Além desses dois casos, mais comuns no português do Brasil, há outras estruturas frasais que são consideradas construções de tópico; muitas delas não passam de um desdobramento daquelas estruturas mais incidentes.

4.1. Estrutura de duplo sujeito (ou anacoluto)

Li e Thompson (*Op. cit.*) denominam "estrutura de duplo sujeito" as construções que apresentam um suposto sujeito – termo topicalizado – ou sujeito discursivo e um sintático – sujeito gramatical da sentença SVO. A GT utiliza o termo "anacoluto" para identificar tais frases.

Vimos em (02) e (03) que os termos topicalizados não se relacionam sintaticamente com nenhum termo (explícito ou omitido) na oração-comentário. Li e Thompson, corroborados por Chafe (*Op. cit.),* as consideram como as verdadeiras construções de tópico, por serem semelhantes às estruturas de tópico das línguas com proeminência de tópico (as do grupo "b", da classificação de Li e Thompson), cuja estrutura frasal se descreve como tópico–comentário, como o é o chinês.

Assim como as estruturas dos exemplos (02), (03) e (06), são exemplos de estruturas com duplo sujeito (ou anacoluto) no português falado no Brasil, segundo Pontes (*Op. cit.,* p. 13):

(11) Essa bolsa as coisas somem, aqui dentro.

(12) A última prisão dele, sabe o que que ele fez?

Apesar de o termo topicalizado poder ser entendido como um deslocamento de um adjunto sem a preposição (“nessa bolsa” ou “dessa bolsa” em (11) e “na última prisão dele” em (12)), como estão estruturadas essas frases, os termos topicalizados não estabelecem relação sintática com a oração-comentário consequente, o que causa uma quebra do pensamento lógico. Daí, a GT denominar estruturas dessa natureza como anacoluto – figura de sintaxe, que se caracteriza pela quebra do pensamento lógico, devido à interrupção de uma estrutura explicativa normalmente longa, como em: “O rapaz, devido à falta de energia elétrica inesperada, todos ficaram nervosos.”.

Também é um exemplo de estrutura com duplo sujeito ou anacoluto a seguinte frase da modalidade escrita da língua:

(13) “Eu que era branca e linda, eis-me medonha e escura.”

(14) “E o desgraçado, tremiam-lhe as pernas e sufocava-o a tosse.”

Note-se que após o suposto sujeito “Eu”, em (13), surge uma oração subordinada adjetiva (sem a pontuação conveniente) e em seguida, outra estrutura; em (14), ao suposto sujeito “o desgraçado” acresce-se duas estruturas oracionais bimembres e completas, coordenadas entre si. Em ambos os casos, ocorre uma quebra de pensamento lógico, o que faz parecer que falta ao sujeito (ou pseudossujeito) um predicado.

Em sua pesquisa para a Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado, Vasco (1999 e 2006), analisou cerca de 1300 construções de tópico, das quais 21% são anacolutos, como as apresentadas acima. Tal estudo comprova um uso efetivo de tais construções no português do Brasil, apesar de não serem valorizadas como estruturas típicas da língua e serem consideradas erradas pela GT.

Certamente, tais estruturas dificultam a análise sintática de ordem tradicional, mas isso não deve obscurecer a sua existência na língua portuguesa do Brasil, que é um fato.

Pontes (*Op. cit.*, p. 40) não só reconhece a sua existência como também procura esclarecer a sua natureza:

> A análise dessas construções tópicas nos coloca inevitavelmente no nível do discurso. A interpretação semântica do tópico depende do contexto do discurso ou do contexto pragmático. Forçosamente, sente-se a necessidade de ultrapassar os limites de uma análise estreitamente sintática. (PONTES, 1987, p. 40)

Como se pode depreender da referida citação, a complexidade do assunto é uma realidade, porquanto a análise das estruturas de duplo sujeito (ou anacoluto, como o quer a Tradição vai além da análise puramente sintática de natureza tradicional.

4.2. Topicalização

Na "topicalização", um termo é deslocado para o início da frase, em posição de destaque.

Ao contrário do que ocorre com a estrutura de duplo sujeito ou anacoluto, na "topicalização", o termo topicalizado mantém um vínculo sintático com o comentário. Esse vínculo sintático com o comentário normalmente se dá sem que ocorra um termo físico, com o qual se relacione, na oração-comentário. Ou seja, o tópico estabelece uma relação com um vazio na oração-comentário, como se ocorresse uma omissão, como se pode verificar em (08) e nesse exemplo, que também é da linguagem escrita (texto escrito de um dos meus informantes):

(15) "Um belo dia, durante o verão de 1996, meu pai me convidou para almoçar." (Meu pai me convidou para almoçar (*n*)*um belo dia*, durante o verão de 1996.)

Caso intrigante de topicalização se dá com a estrutura denominada "prolepse" pela GT como vimos anteriormente com estruturas, em que o verbo "parecer" admite o deslocamento do sujeito da oração subordinada. É intrigante porque o espaço vazio se mostra dissimulado; i é., o deslocamento do sujeito da oração subordinada não é sentido:

(16) *As estrelas* parece caírem do céu! ("Parece caírem *as estrelas do céu*!")

À semelhança do que ocorre com (16), que é uma frase típica da escrita, ocorre com as seguintes frases da linguagem oral:

(17) *O pai destas crianças* dizem que está à sua procura. (Dizem que *o pai destas crianças* está à sua procura.)

(18) *Coisas más* me parece trazerem você! (Parece trazerem-me você *coisas más*!

Trata-se, de fato, de uma estrutura topicalizada, já que o termo "As estrelas", "O pai destas crianças" e "Coisas más" foram deslocados

para a posição de tema – dado velho, sobre o qual se faz um comentário.

Também poderíamos considerar como topicalização as estruturas de (03), (11) e (12), se entendermos que os termos topicalizados sofreram uma reestruturação ao serem deslocados para o início da frase:

(03) Essa bolsa aberta aí, alguém pode te roubar a carteira. (Alguém pode te roubar a carteira *nessa bolsa aberta aí*.)

(11) Essa bolsa as coisas somem, aqui dentro. (As coisas somem aqui dentro *dessa bolsa*)

(12) A última prisão dele, sabe o que que ele fez? (Sabe o que que ele fez *na última prisão dele*?)

Assim, na topicalização "se pode reconstituir o movimento do termo Topicalizado de sua posição de origem para o lugar de tópico" (VASCO, 2007, p. 21), uma vez que pode o termo topicalizado apresentar uma correspondência com funções subentendidas.

4.3. Deslocamento à esquerda (DE)

Diferente do que ocorre na topicalização, na estrutura com "deslocamento à esquerda", tem-se um pronome-cópia (um dos pronomes pessoais), caso que a GT considera pronome pleonástico, como em (01) e (10) e nos exemplos abaixo:

(19) "Aos cafajestes, só *lhes* tenho desprezo."

(20) O assaltante, *ele* tem que pegar e correr.

Logo, também no deslocamento à esquerda há um vínculo sintático entre o termo topicalizado e a oração-comentário. A diferença reside no fato de ocorrer, no deslocamento à esquerda, uma retomada do termo topicalizado por um termo na oração-comentário, que pode ser um pronome-cópia (como em (01), (10), (19) e (20)), sintagmas nominais idênticos (como em (05)) ou outras formas dêiticas e anafóricas (como em (21), cujo termo topicalizado é retomado pelo pronome demonstrativo).

(21) "O que era contra a honra de Deus, e em dano das coisas, *isto* só afligia e lhe tirava o gosto da vista." (SOUZA, V. do Ana. I, 431, *apud* PONTES, *op. cit.*, p. 53)

No deslocamento à esquerda, portanto, há um movimento de um termo da oração-comentário para a posição de tópico, que é gerado da mesma forma que nas línguas de tópico. O termo da oração-comentário que sofre o deslocamento para a posição de tópico pode exercer nela diferentes funções sintáticas.

As construções com "deslocamento à esquerda de sujeito" apresentam correferência do tópico com o sujeito da oração-comentário, ou seja, é o sujeito da oração-comentário que faz as vezes do pronome-cópia. Observe esses dois exemplos – um em linguagem oral (20) e um em escrita (21):

(20) O assaltante, *ele* tem que pegar e correr.

(21) "O que era contra a honra de Deus, e em dano das coisas, *isto* só afligia e lhe tirava o gosto da vista." (SOUZA, V. do Ana. I, 431, *apud* PONTES, *op. cit.*, p. 53)

Vimos que (04) e (07) podem ser analisados como casos de D.E., sem pronome-cópia. De fato, casos como esses, de DE de sujeito, são muito comuns na linguagem oral do português do Brasil, apesar de a Tradição acusar uma falha estrutural, causada pelo uso da vírgula entre o sujeito e o predicado, e que seria pleonasmo, se houvesse o pronome-cópia.

As construções com DE de complemento verbal apresentam co-referência do tópico com o objeto (direto ou indireto) da oração-comentário, i é., o pronome-cópia exerce a função de complemento do verbo da oração-comentário. Observe os exemplos (01) e (19) – da linguagem escrita – e o (22) e o (23) – aquele da linguagem oral; este, da escrita:

(22) O cara, a gente viu *ele* na pracinha!

(23) "A outra ilha, nem chega a sê-*lo*." (NAVA, 1981, *apud* PONTES, *op. cit.*, p. 57)

Também poderíamos considerar um caso de DE de complemento verbal o exemplo (14), se entendermos que o termo topicalizado sofreu uma reestruturação ao ser deslocado para o início da frase, considerando a oração-comentário imediatamente seguinte:

(14) "E o desgraçado, tremiam-*lhe* as pernas e sufocava-o a tosse." (E *ao desgraçado*, tremiam-lhe as pernas e sufocava-o a tosse.).

Ainda há casos de DE de adjunto adnominal ou de adjunto adverbial.

(24) Dos homens, não espero agrado *deles*, mas justiça...

(25) No centro, nós vamos *lá* amanhã.

(26) Ah, na moda atualmente, eu acho que tudo ta *na moda*.

4.4. Construção de Tópico-Sujeito

As construções de Tópico-Sujeito são aquelas em que o sujeito, que não é exatamente o agente da ação expressa pelo verbo, é o tópico. Isso ocorre nas denominadas estruturas ergativas, que se caracterizam por apresentarem ordem direta, SVO, sendo que o termo inicial não corresponde a um sujeito lógico, como em:

(27) *A Belina* cabe muita gente.

(28) *Essa janela* bate um vento bom!

(29) *A televisão* escangalhou.

Podemos observar que os termos destacados exercem a função de sujeito do verbo de cada oração. Contudo, não se pode atribuir a eles qualquer ação. Em (27), o termo tem valor de "lugar onde", já que é dentro da Belina que se coloca muita gente; em (28), de "lugar pelo qual", se entendermos que o vento bom passa pela referida janela; em (29), de "termo afetado", uma vez que alguma coisa ou alguém escangalhou a televisão.

Estruturas dessa natureza são muito comuns na linguagem oral da língua portuguesa do Brasil.

5. *Conclusão*

Esperamos ter demonstrado que o português do Brasil não é uma língua propriamente SVO, como o quer a Tradição, uma vez que a ordem direta não é a mais incidente no vernáculo da língua.

De fato, na escrita, modalidade de natureza referencial, construções com os termos dispostos em ordem direta são mais incidentes, já que tal prática garante a compreensão da informação transmitida pelo texto.

Contudo, fica evidente que, no português falado, a incidência de construções de tópico é quase tão grande quanto às de construções sem tópico. Já no português escrito o fenômeno é pouco evidente. Quando ocorre, é normalmente um recurso estilístico ou influência da oralidade.

Para se chegar a essa conclusão, procuramos descrever as construções de tópico que se efetivam na língua portuguesa do Brasil, considerando as duas modalidades da língua: a linguagem escrita e a linguagem falada.

Utilizamos a classificação feita por Li e Thompson para constatar que o português do Brasil é uma língua de proeminência de sujeito e tópico, porquanto tanto a estrutura de sujeito-predicado quanto a de tópico-comentário se efetivam na prática da língua.

Não se pretendeu, contudo, esgotar o assunto. Muito ainda temos que pesquisar sobre esse tema tão pouco explorado pelos estudiosos de língua portuguesa.

Logo, o presente artigo é apenas uma contribuição para aqueles que pretendam digressionar acerca do assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl., 15. reimp. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BOTELHO, Jose Mario. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002. (Inédita)

______. *Sem resposta*. Rio de Janeiro: Botelho, 2005.

CALLOU, Dinah *et al*. “Topicalização e deslocamento à esquerda: sinta-

xe e prosódia”. In: CASTILHO, A. (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. III: As abordagens. Campinas: UNICAMP / FAPESP, 1993.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editota Digital, 2007.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. “Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal”. In: TARALLO, Fernando (Org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p. 113-39.

LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra A. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, Charles N. *Subject and topic*. New York: Academic Press Inc., 1976.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

VASCO, Sérgio Leitão. *Construções de tópico no português: as falas brasileira e portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

______. *Construções de tópico na fala popular*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.